

## 'Em 2012, um ou dois países poderão ter de sair do Euro'

Economista grego radicado na Grã-Bretanha, professor da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, articulista do jornal *Guardian*, veio a Lisboa recentemente participar na Iniciativa para uma Auditoria Cidadã à Dívida

POR EMÍLIA CAETANO

### **Organizou na Grécia uma auditoria pública à dívida. Com que resultados?**

Fomos os primeiros na Europa, embora já houvesse a experiência de outros, sobretudo a América Latina. Nós começámos há 10 meses e vimos que uma auditoria global levaria tempo. Assim, centrámo-nos numa campanha com objetivos intermédios, baseada em documentos bem investigados sobre aspetos parciais da dívida. Creio que aqui poderão fazer o mesmo, por exemplo, com as Parcerias Público-Privadas.

### **O documentário *Debtocracia*, onde aparece, é sobre as dívidas soberanas. Como surgiram?**

São parte do problema geral da dívida, uma questão chave do capitalismo contemporâneo. Este cria dívida, privada e soberana. Isso deve-se ao desequilíbrio gerado pelo facto de as atividades financeiras terem crescido muito nas últimas três ou quatro décadas, em relação às produtivas. Assistimos a um fortalecimento incrível dos bancos. O outro fator foi a globalização das finanças, a exportação do capital. A dívida soberana está associada ao capital que vem de fora, ao empréstimo. E começou nos países em desenvolvimento.

### **Na América Latina?**

Sim, no final da década de 1970 e início da de 1980. Seguiram-se países asiáticos, vários africanos e até a Rússia. A Europa julgou-se a salvo, porque era o continente que enviava o capital para fora. Foram bancos europeus e americanos que emprestaram à América Latina. Agora viu-se a braços com um padrão idêntico, porque surgiram fluxos de capital dentro da própria Europa. Os países centrais da união monetária emprestaram dinheiro aos da periferia. E a situação foi agravada por causa da união monetária.

### **Escreveu no *Guardian* que é uma união particularmente mal estruturada.**

Conjugaram-se vários fatores – económicos, políticos e sociais – para criar a ideia de uma unidade europeia e de um povo europeu solidário. Mas na realidade começou e manteve-se apenas como instituição económica e, como tal, em minha opinião falhou. Fundamentalmente, como pensam muitos economistas, quan-

## **Mesmo que alguns Estados deixem o Euro, não será o fim da UE'**

do começou a juntar países com graus de competitividade e desenvolvimento muito diferentes. Ficaram armadilhados numa estrutura que, em vez de criar condições para os fazer convergir, causou o contrário. Já eram diferentes e ficaram ainda mais diferentes.

Nenhuma união monetária sobrevive assim. Durante anos isso não se via, porque o crédito era barato, acessível. Parecia que o euro estava bem, mas não. Agora o crédito barato acabou e vieram à superfície os problemas reais. Por isso, é improvável que o euro sobreviva na sua forma atual. Que outra forma assumirá, não sei.

### **Defende a saída da Grécia do euro. Não receia as consequências?**

Nos últimos dois anos assistimos a medidas que os europeus não julgavam possíveis, tais as condições da austeridade, das privatizações, do crédito muito barato para os bancos e muito caro para as pessoas. Esta política, que vai continuar, como se viu pela última cimeira europeia,

não dá esperança. As pessoas querem acreditar que acontecerá qualquer coisa boa, mas não haverá regressos a 2005 ou 2006. Aquilo que aguarda a Grécia e Portugal é uma política de estagnação, salários baixos, emigração dos jovens e elevado desemprego. A alternativa a sair do euro será a morte lenta de lá continuar.

### **E sair, não será a morte rápida e caótica?**

Os países podem ver-se forçados a partir. Pelo menos para a Grécia, é uma hipótese muito real. Mas pode suceder o mesmo a Portugal. Ainda que queiram permanecer, não conseguem cumprir os objetivos, a economia entra em recessão e a população não aguenta. Continuar na união monetária é uma morte lenta, acompanhada do risco de uma saída forçada e caótica. Estes países devem preparar-se para sair, mas nos seus termos. É muito importante que isso seja controlado.

Temos de ser realistas. Se a saída for preparada, pode minimizar-se o choque. Haverá custos, mas distribuídos de forma mais justa e com condições para uma recuperação o mais rápida possível.

### **Falou-se do contrário. A Alemanha e a França é que estariam a planear deixar o euro.**

Não acredito. A união monetária tem sido mais útil e rentável para os países do núcleo duro, sobretudo a Alemanha, que passou a dispor de um mercado interno gigantesco. O euro foi bom para os seus bancos e sobretudo permitiu-lhe ganhar como nunca um papel político na Europa. O que o Governo alemão tentará fazer é transformar o euro no que queria, sem as dificuldades dos países da periferia. Mas há aqui um certo paradoxo. A moeda que usamos é também uma espécie de identidade. O euro deu aos países da peri-

feria a sensação de serem mais poderosos, de pertencerem à primeira divisão. À medida que a saída se torne mais previsível, vão talvez agarrar-se ao euro, em desespero. Mas isso será um sinal de fraqueza da parte dos decisores políticos. E até uma certa perda de orgulho nacional.

**Tem defendido que a Grécia não pague a dívida.**

Acredito é que não poderá pagar. Atualmente já vai em 160% do PIB e a economia não cresce. Como vai pagar? Isto é reconhecido pelo FMI e pela UE. As negociações que estão a decorrer já são só sobre a forma de a reestruturar e reduzir. Creio que Portugal poderá entrar numa situação idêntica. E a Irlanda, ao contrário do que se diz, não é diferente.

**Como surgiu o conceito de «dívida ilegítima»?**

É uma ideia importante, que resultou da experiência da América Latina. Não tem que ver com os aspetos legais da dívida, mas com as condições impostas. E há a questão social. Devo dizer que, neste domínio, temos a aprender com os EUA.

**No aspeto social?**

Existe uma lei que determina que, no caso de dívidas insustentáveis, os Estados ou autoridades locais tenham de dar priorida-

de aos serviços públicos essenciais. Mesmo que entrem em incumprimento, têm de manter abertos os hospitais, as escolas, etc. Estas são as primeiras obrigações. Só depois vêm os credores. Não há nada semelhante na Europa.

**Fala na saída da Grécia e talvez de Portugal do euro. As dívidas são idênticas?**

Há diferenças, a maior das quais é que a grega é proporcionalmente mais alta. Subiu muito na década de 1980 e assim se manteve. Já a portuguesa só disparou nos últimos anos. Mas o comportamento geral de ambas é muito idêntico. Nos dois países foi a dívida privada que cresceu muito nos anos recentes. E a dos bancos, que começaram também a pedir dinheiro. Outra grande semelhança das duas dívidas é que subiram com a entrada na união monetária, porque os Estados passaram a poder pedir em euros e, assim, a recorrer a credores internacionais. Mas é um sinal de fraqueza depender de credores estrangeiros. O Japão, por exemplo, cresce porque se apoia nos credores nacionais, nas poupanças. Portugal e Grécia começaram a sentir-se potências europeias e pagaram o preço.

**Como tem agido o Banco Central Europeu?**

É uma instituição muito conservadora,

muito focada na inflação e também muito elitista, sem um processo de prestação de contas democrático. Nesta crise, aplicou-se muito desde o início em proteger os bancos e os mercados financeiros e fez o menos possível para defender os direitos dos Estados e das pessoas. Outra questão é que, mesmo que tivesse querido, não poderia atuar de forma muito diferente. Não é um banco central normal, como a Reserva Federal americana ou o Banco de Inglaterra. Não tem um país por trás, mas uma coligação de países, muitas vezes em disputa. Podia ter feito mais. Mas algo muito diferente, só com novas regras.

**Qual tem sido o papel da UE nesta crise?**

Irrelevante. Creio que isso tem bastante a ver com quem a dirige, Durão Barroso, não tanto pela pessoa, mas por não ter a influência política de antecessores seus.

**O que acredita que 2012 trará?**

Dada a conjuntura, creio que será um ano muito difícil, económica e socialmente. Pode ser que um ou dois países se vejam forçados a sair do euro. Se significará o fim da Europa? Não acredito. Os governantes fazem crer isso para levarem as pessoas a aceitar a austeridade. Mas, nesse aspeto, sou mais otimista. 